



Universidade da Amazônia

Amor por Anexins

de Artur Azevedo



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Amor por Anexins

de Artur Azevedo

Entreato cômico

Esta farsa, entremez, entreato, ou que melhor nome tenha em juízo, o meu primeiro trabalho teatral, foi escrito há mais de sete anos, no Maranhão, para as meninas Riosa, que a representaram em quase todo o Brasil e até em Portugal. Pô-la em música e em boa música, Leocádio Raiol; mas ultimamente representaram-na sem ela Helena Cavalier e Silva Pereira: desencaminhara-se a partitura. Tem agora nova música, e não inferior, de Carlos Cavalier.

Personagens

Isaiás..... solteirão
Inês..... viúva
Um Carteiro.....

A cena passa-se no Rio de Janeiro.
Época, atualidade.

Ato Único

Sala simples, janela à esquerda, portas ao fundo e à direita. Mesa à esquerda com preparos de costura. Num dos cantos da sala uma talha d'água. Cadeiras.

- Cena I -

(Inês)

Inês (Cose sentada à mesa, e olha para a rua, pela janela.) – Lá está parado à esquina o homem dos anexins! Não há meio de ver-me livre de semelhante cáustico. Ora eu, uma viúva, e, de mais a mais com promessa de casamento, havia de aceitar para marido aquele velho! Não vê! E ninguém o tira dali! Isto até dá que falar à vizinhança... (Desce à boca de cena.)

Copla

Eu, que gosto, perdido
Tenho casamentos mil,
Com mais de um belo marido,
Garboso, rico e gentil,
De um velho agora a proposta,
Meu Deus! Devia aceitar?
Demais um velho que gosta
De assim tão jarreta andar!
Nada! Nada!

Não me agrada!
Quero um marido melhor!
É bem mau não ser casada,
Mas mal casada é pior.

Ainda hoje escreveu-me uma cartinha, a terceira em que me fala de amor, e a segunda em que me pede em casamento. (Tira uma carta da algibeira.) Ela aqui está. (Lê.) “Minha bela senhora. Estimo que estas duas regras vão encontrá-la no gozo da mais perfeita saúde. Eu vou indo como Deus é servido. Antes assim que amortalhado. Venho pedi-la em casamento pela Segunda vez. Ruim é quem em ruim conta se tem, e eu que não me tenho nessa conta. Jamais senti por outra o que sinto pela senhora; mas uma vez é a primeira.”(Declamando.) Que enfiada de anexins! Pois é o mesmo homem a falar! (Continua a ler.) “Tenho uns cobres a render; são poucos, é verdade, mas de hora em hora Deus melhora, e mais tem Deus para dar do que o diabo para levar. Não devo nada a ninguém, e quem não deve não teme. Tenho boa casa e boa mesa, e onde come um comem dois. Irei saber da resposta hoje mesmo. Todo seu, Isaías.”(Guardando a carta.) Está bem aviado, Senhor Isaías! Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de vossemecê e de seus anexins. Vou preparar-me. (Sai pela porta da direita. Pausa.)

Cena II -

(Isaías)

Isaías (Deita com precaução a cabeça pela porta do fundo.) — Porta aberta, o justo peca.

(Avançando na ponta dos pés.) A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes que cases, olha o que fazes. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não me sai ao pintar, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um Deus nos acuda; mas muitas vezes donde não se espera daí é que vem. Quem porfia mata caça dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou pelo beicinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora adeus! Quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; ma como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a . Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de pândegas! Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens. (Examinando a casa.) Boa dona-de-casa parece ser! Asseio e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (Reparando.) Ai, que ela aí vem! (Perfilando-se.) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (Atrapalhando-se.) é um gato e um bicho é um homem! Disse asneira...

Cena III -

Isaías e Inês

Inês (Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.) — Ai!
Isaías (Embargando-lhe a passagem.) — Ninguém deve correr sem ver de quê.
Inês — Que quer o senhor aqui?
Isaías — Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...
Inês (Interrompendo-o .) — Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!
Isaías — Não há carta sem resposta...
Inês (Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água) — Saia, quando não...
Isaías (Impassível.) — Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! Eh! Foi buscar lã e saiu tosquizada...
Inês — Eu grito!
Isaías — Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para sim pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...
Inês — O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!
Isaías — O diabo não é tão feio como se pinta...
Inês — É feio, é!...
Isaías — Quem o feio ama bonito lhe parece.
Inês — Amá-lo eu?! Nunca...
Isaías — Ninguém diga: desta água não beberei...
Inês — É abominável! Irra!
Isaías — Água mole em pedra dura, tanto dá...
Inês — Repugnante!
Isaías — Quem espera sempre alcança.
Inês — Desengane-se!
Isaías — O futuro a Deus pertence!
Inês — Há alguém que me estima de veras...
Isaías — Esse alguém (Naturalmente.) sou eu.
Inês — Isso era o que faltava! (Suspirando.) Esse alguém...
Isaías — Quem conta um conto, acrescenta um ponto...
Inês — Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...
Isaías — Quem elogia a noiva...
Inês — O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.
Isaías — Quem desdenha quer comprar...
Inês — Comprar! Um homem tão feio!...
Isaías — Feio no corpo, bonito na alma.
Inês (Sentando-se.) — Deus me livre de semelhante marido!
Isaías — Presunção e água benta cada qual toma a que quer... (Senta-se também.)
Inês (Erguendo-se.) — Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!
Isaías (Sempre impassível.) — Há males que vêm para bem.
Inês — Temo-la travada.
Isaías — Venha sentar-se a meu lado. (Vendo que Inês senta-se longe dele.) Se não quiser, vou eu... (Dispõe-se a aproximar a cadeira.)

Inês — Pois sim! Não se incomode! (Faz-lhe a vontade.) Não há remédio!
Isaías (Chegando mais a cadeira.) — O que não tem remédio remediado está.
Inês (Afastando a sua.) — O que mais deseja?
Isaías — Diga-me cá: o seu noivo? ... (Faz-lhe uma cara.)
Inês — Não entendo.
Isaías — Para bom entendedor meia palavra basta...
Inês — Mas o senhor nem meia palavra disse!
Isaías — Pergunto se... fala francês...
Inês — Como?
Isaías — Ora bolas! Quem é surdo não conversa!
Inês — Mas a que vem essa pergunta?
Isaías (Naturalmente.) — Quem pergunta quer saber.
Inês — Ora!
Isaías (Sentencioso.) — Dois sacos vazios não se podem ter de pé.
Inês — Essa teoria parece-se muito com o senhor.
Isaías — Por quê?
Inês — Porque já caducou também.
Isaías (Formalizado.) — Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.
Inês — É verdade.
Isaías — Não é.
Inês — É.
Isaías — Pois se é, nem todas as verdades se dizem. (Ergue-se e passeia.)
Inês — Ah! O senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices! (Ergue-se.)
Isaías (Interrompendo o seu passeio, solenemente.) — Na casa em que não há pão, todos ralham, ninguém tem razão.
Inês — Ora! Somos ainda muito moços!
Isaías — Quem? Nós?
Inês (De mau humor.) — Não falo do senhor: falo dele...
Isaías — Ah! Fala dele...
Inês — Havemos de trabalhar um para o outro...
Isaías — É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

Canto

Inês — Sem desgosto viveremos,
Seremos ricos, talvez;
Muitos morgados teremos...
Isaías — Mas um só de cada vez...
(Zangado.) A faceira
Talvez convidar-me queira
Para padrinho de algum!

Inês — E não suponha que, apesar de pobre, não me faça bonitos presentes o meu noivo.
Isaías — É! Quem cabras não tem e cabritos...
Inês — Insulta-o?
Isaías — Cão danado, todos a ele! Pois eu havia de insultá-lo, senhora?
Inês — Se estivesse calado...
Isaías — Sim, senhora: em boca fechada não entram mosquitos... mas é que o seu

futurozinho me interessa...

Inês — Muito obrigada. (Senta-se.)

Isaías — Não há de quê. Se bem que eu não seja nenhum Matusalém, estou no caso de lhe dar conselhos. Ouça-me; quem me avisa meu amigo é; quem à boa árvore se chega, boa sombra o cobre.

Inês — Mesmo por já estar no caso de me dar conselhos, é que o não quero para marido.

Isaías — Se eu fosse jovem, não me havia de aceitar, por estar no caso de os receber. Preso por ter cão e preso por não ter!...

Inês — Não desejo enfiar de novo...

Isaías — Vaso ruim não quebra...

Inês — Desengana-se, senhor: não são os seus ditados que me hão de fazer mudar de resolução! (Passeia.) Oh!

Isaías (Acompanhando-a .) — Talvez façam, talvez!... Devagar se vai ao longe... muito tolo

É quem se cansa... (Inês volta-se para defronte um do outro.) Menina, antes só do que mal acompanhado... Olhe que o pior cego é aquele que não quer ver...

Inês (À parte.) — Vou pregar-lhe uma peta. (Alto.) Mas se me faltasse esse noivo, outros rapazes há que me têm feito pé-de-alferes.

Isaías — Águas passadas não movem moinhos!

Inês — E entre eles...

Isaías — O passado! Passado!

Inês — Não me interrompa!.. E entre eles há um ricaço que em outro tempo...

Isaías — O tempo que vai não volta!

Inês — Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutra vez se esqueceu da promessa...

Isaías — O prometido é devido!

Inês — Ai, mau!... se esqueceu da promessa que me havia feito; mas que está outra vez pelo beicinho...

Isaías — Cesteiro que faz um cesto faz um cento... (Movimento de Inês. Com força.) Se tiver verga e tempo! E quem é esse... ricaço?

Inês — É segredo.

Isaías — Segredo em boca de mulher é manteiga em nariz... (A um gesto de Inês.) de homem! Mas faz bem, faz bem: o segredo é a alma do negócio...

Inês — O senhor tem na cabeça um moinho de adágios! Passa!...

Isaías — O que abunda não prejudica.

Inês — Bem! Para maçadas basta. Mude-se!

Isaías — Os incomodados é que se mudam.

Inês — Mas eu estou em minha casa, senhor!

Isaías — Descobriu mel de pau!

Inês — Irra! Que homem sem-vergonha!

Isaías (Examinando cinicamente a costura.) — Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

Inês — Se o meu noivo o visse aqui! Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que...

Isaías — Cão que ladra não morde.. E eu sou homem!... tenho força... E contra a força não há resistência!...

Inês (Irônica.) — Ora, por quem é, não faça mal ao pobre moço, sim?

Isaías — Faço!... Quem o seu inimigo poupa às mãos lhe morre. Julga que não estou falando sério? Uma coisa é ver a outra...

Inês (No mesmo.) — Ora não faça tal.

Isaías — Faço! Isto tão certo como dois e três serem cinco. São favas contadas. Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele!

Inês — Ma sabe que ele é valente?

Isaías — Também eu sou! Cá e lá más fadas há! Duro com duro não faz bom muro, e dois bicudos não se beijam!

Inês — Ponha-se ao fresco, preciso sair; tenho que fazer lá fora.

Isaías — E eu tenho que fazer cá dentro. Um dia bom mete-se em casa. (Pausa.) Olhe, senhora, olhe bem para mim acha-me feio; não acha?

Inês — Ai, ai, ai!...

Isaías — Eu também acho, e feliz é o doente que se conhece. Mas muitas vezes as aparências enganam e o hábito não faz o monge. Experimente e verá. (Suplicante.) Case comigo.

Inês — Gentes!

Isaías — Ah! Se fôssemos casadinhos, outro galo cantaria! Por exemplo: em vez de sair agora à rua, com este sol de matar passarinho, mandava-me a mim, ao seu maridinho...

Inês (Arremedando-o .) — Ao seu maridinho... (À parte.) Oh! Que idéia! Vou me ver livre dele. (Alto.) Então, sem sermos casados, não pode prestar-me um pequeno serviço?

Isaías — Conforme o serviço: ponha os pontos nos is.

Inês — Se me fosse comprar três metros de escumilha. Olhe... Aqui tem a amostra... No armarinho do Godinho.. Sabe onde é?

Isaías — Sei; mas quando não soubesse? Quem tem boca vai a Roma.

Inês — Está contrariado?

Isaías — O que vai por gosto regala a vida.

Inês — Tome o dinheiro.

Isaías — Nada... não é preciso... (Vai saindo e estaca.) Diabo! Não me lembra um ditado a propósito! (Sai.)

Cena IV -

(Inês)

Inês — Está bem aviado... Quando voltares, hás de achar a porta fechada. Safa! Que maçador! Agora, tratemos de sair: são mais que horas. (Aparece à porta um carteiro.)

Cena V -

Inês, o Carteiro

O Carteiro — Boa tarde, minha senhora.

Inês — Boa tarde. O que deseja?

O Carteiro — Aqui tem esta carta... é da caixa urbana...

Inês — Uma carta? (Recebendo a carta, consigo.) De quem será? (Ao carteiro.) Obrigada.

O Carteiro — Não há de quê, minha senhora. Passe muito bem!

Inês — Adeus. (O carteiro sai.)

Cena VI -

(Inês)

Inês — Ah! A letra é de Filipe. Faz bem em escrever-me o ingrato! Há doze dias que nos não vemos... (Abre a carta e lê. Jogo de fisionomia.) “Inês. Peço-te perdão por ter dado causa a que perdesse comigo o teu tempo. Ofereceram-me um casamento vantajoso, e não soube recusar. Ainda uma vez perdão! Falta-me o ânimo para dizer-te mais alguma coisa. Dentro em uma semana estarei casado. Esquece-te de mim — Filipe.” (Declamando.) Será possível! Oh! Meu Deus! (Relendo.) Sim... cá está... é a sua letra... (Depois de ter ficado pensativa um momento.) Ora, adeus. Eu também não gostava dele lá essas coisas... Digo mais, antes o Isaías; é mais velho, mais sensato, tem dinheiro a render, e Filipe acaba de me provar que o dinheiro é tudo nestes tempos. Espero aqui o Isaías com o meu “sim” perfeitamente engatilhado! Oh! O dinheiro...

Recitativo

Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Direito, Rei dos reis, Razão.
Que ao trono teu auriluzente e fúlgido
Meus pobres hinos proclamar-te vão.

Do teu poder universal, enérgico,
Ninguém se atreve a duvidar! Ninguém!
Rígida mola desta imensa máquina,
Fácil conduto para o eterno bem!

Aos teus acenos, Deus antigo e déspota,
Aos teus acenos, Deus modernos e bom,
Caem virtudes e se exaltam vícios!
Todos te almejam precioso Dom!

Inda hás de ser o derradeiro ídolo,
Inda hás de ser a só religião,
Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Dinheiro, Rei dos reis, Razão!...

Cena VII -

Inês, Isaías

Isaías (Entrando.) — Quem canta seus males espanta.

Inês — Já de volta! O senhor foi a correr!

Isaías — Nada! Quem corre cansa. Encontrei outro armarinho mais perto...

Inês (Tomando a fazenda.) — Muito obrigada. Quanto custou?

Isaías — Um pau por um olho. Mil e duzentos o metro...

Inês — Pois olhe: o outro vende mais barato.

Isaías — O barato sai caro, e mais vale um gosto do que quatro vinténs.

Inês — Regateou?

Isaías — Regatear! Para quê? Mais tem Deus para dar do que o diabo para tomar.

Inês — Já vejo que é tão pródigo de dinheiro como de anexins!

Isaías — Da pataca do sovina o diabo tem três tostões e dez réis. Poupado sim, sovina não.

Eu cá sou assim! Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Tenho um só defeito: quero casar-me. Cada louco com sua manha.

Canto

Há sido um gato sapato;
Preciso do casamento!
O maldito celibato
Não é viver, é tormento.

Quero honesta rapariga
Entre as belas procurar,
Muito embora o mundo diga:
Quem já andou não tem pra andar...

A existência de casado
Talvez venturas me traga,
Se diz verdade o ditado:
Amor com amor se paga.

Se eu for constante e fervente,
Ela tudo isso será;
Se eu amá-la eternamente,
Ela também me amará!

Eu escravo e a esposa escrava,
Viveremos sem desgosto;
Uma mão a outra lava
E ambas lavam o rosto!...

Faço-lhe pela milésima vez o meu pedido. Nem todos os dias há carne gorda. A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andará ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

Inês (À parte.) — Levemos a coisa com jeito. (Alto.) O senhor... (Com uma idéia.) Ah!

Isaías — Oh!

Inês — Já viu representar As pragas do Capitão?

Isaías — Não, senhora. De pragas ando eu farto.

Inês — Era um militar que praguejava muito. A senhora que ele amava deu-lhe a mão de esposa, mas depois de estabelecer-lhe a condição de não praguejar durante meia hora.

Isaías — Falo em alhos, a senhora responde com bugalhos!

Inês — Já lá vamos aos alhos aceito a sua proposta.

Isaías (Impetuosamente.) - Aceita?

Inês — Sim, senhor.

Isaías (Incrédulo.) — Qual! Quando a esmola é muita, o pobre desconfia...

Inês — Mas imponho também a minha condição...

Isaías — Imponha: manda quem pode.

Inês — Se conseguir levar meia hora sem...

Isaías — Sem praguejar?...

Inês — Não! Sem dizer um anexim! Se conseguir, é sua a minha mão.

Isaías — Deveras?

Inês (Sentando-se.) — Deveras.

Isaías — Mas eu posso estar calado?

Inês — Como assim?! Era o que faltava! Há de falar pelos cotovelos!

Isaías — Isso é um pouco difícil: o costume faz lei...

Inês — Ai, que escapou-lhe um!

Isaías — Pois o que quer? A continuação do cachimbo...

Inês — Faz a boca torta, já duas vezes.

Isaías — Nas três o diabo as fez.

Inês — Ai, ai, ai! Vamos muito mal!

Isaías — Ma não tínhamos ainda entrado em campo... Aqueles foram ditos de propósito. Agora sim! Agora é que são elas!

Inês — Outro!

Isaías — Protesto! “Agora é que são elas” nunca foi anexim. A César o que é de César!

Inês — O senhor vai perder... Olhe: são duas horas. (Aponta para um relógio que deve estar sobre a mesa.) Aceita o desafio? (Pausa.) Bem. Quem cala consente...

Isaías — Ah! Agora é a senhora quem os diz! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro...

Inês — Ai, ai!

Isaías — Foi engano.

Inês — Dos enganos comem os escrivães. (Pausa.) Então? Diga alguma coisa...

Isaías — O que hei de dizer.. senão.... que gosto muito da senhora... e...

Inês — Pois diga: vai tantas vezes o cântaro à fonte, que lá fica.

Isaías — Não me provoque, senhora, não me provoque!

Inês — Cada qual puxa a brasa para sua sardinha...

Isaías (Agitado.) — Brasa! Sardinha! Oh! Que suplício!

Inês — O que tem o senhor?

Isaías — Nada... não tenho nada... é que esta proibição me incomoda... Este maldito costume... parece que não estou em mim...

Inês — Sabe o que mais?

Isaías — Vou saber.

Inês — Diga o que quiser! Abra a torneira dos anexins, ditados, rifões, sentenças, adágios e provérbios... Fale, fale para aí?

Isaías — E a condição?

Inês — Caducou. (Dando-lhe a mão.) Aqui tem: sou sua.

Isaías (Contente.) — Minha! (Em outro tom.) E os outros?

Inês — Não existem, nunca existiram!

Isaías — Pois estou acordado? Se estiver dormindo, deixa-me estar: não me acordes.

Inês — Está bem acordado.

Isaías — Estou?! (Pulando de contente.) Então viva Deus! Viva o prazer! ... Trá lá lá rá lá!

(Quer abraçá-la.)

Inês (Gritando.) — Alto lá! Mais amor e menor confiança!

Isaías — E que o rato nunca comeu mel, quando come.. (Outro tom.) Pode-se dizer este ditadozinho?...

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

